

MARIA FIRMINA DOS REIS E SEU CONTO *GUPEVA*

Régia Agostinho da Silva¹

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís em 1825 e faleceu em Guimarães, uma vila próxima a São Luís, em 1917. Publicou o romance antiescravista *Úrsula* em 1859 e foi dessa forma uma das primeiras mulheres a publicar um romance no Brasil. Publicou também ao longo de sua vida em diversos jornais maranhenses, com o Jardim das maranhenses, a Verdadeira Marmorta, Ecos da Juventude, entre outros. (MORAIS FILHO, 1975)

Aqui neste artigo iremos analisar o seu conto indianista, *Gupeva*, mas precisamente a imagem da mulher indígena que Maria Firmina dos Reis criou. Como uma escritora romântica de seu tempo, Maria Firmina também se dedicou a abordar a temática indígena para entender e construir um ideário de nacionalidade. (CANDIDO, 2007)

A imagem de mulher que iremos analisar aqui está no conto *Gupeva*, publicado, em 1861, no jornal O Jardim das Maranhenses. Esse conto será republicado ainda nos anos de 1863 e 1865, respectivamente no jornal Porto Livre e no jornal literário Eco da Juventude (MORAIS FILHO, 1975). Publicado em forma de folhetim, o conto com temática indígena parece ter atingindo sucesso, visto as duas republicações que teve. Também foi republicado em Nascimento de Moraes Filho em seu livro Maria Firmina: fragmentos de uma vida (MORAIS FILHO, 1975)

Na sua primeira publicação no jornal literário: O jardim das Maranhenses é assim apresentado:

Existe em nosso poder, com destino à ser publicado no nosso jornal um belíssimo e interessante ROMANCE, primoroso trabalho da nossa distinta comprovinciana, a Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora pública da Vila de Guimarães; cuja publicidade tencionamos dar princípio do n. 25 em diante.

Garantimos ao público a beleza da obra e pedimos-lhes a sua benévolas atenção. A pena da Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis já é entre nós conhecida; e convém muito aclamá-la, a não desistir da empresa encetada. Esperamos, pois a vista das razões expedidas, que nossas súplicas sejam atendidas, afiançando que continuaremos no nosso propósito: sempre defendendo o belo e amável sexo- quando injustamente for agredido. Salus et paz².

¹ Professora do Departamento de História da UFMA, doutoranda em História na USP. Bolsista CNPQ.

² Jornal O Jardim das Maranhenses, periódico semanário. Literário, moral, crítico e recreativo. 29 de setembro de 1861. O conto começa a ser publicado em 13 de outubro de 1861. BPBL, Hemeroteca.

Importante a considerar é que em 1861, como nos aponta o texto, já era uma escritora conhecida para os contemporâneos, publicava em jornais já há algum tempo, participa no mesmo ano da antologia poética Parnaso Maranhense organizada por Gentil Homem de Almeida Braga, enfim, Maria Firmina era uma escritora conhecida e de relativa circulação dentro do mundo literário maranhense do período.

Retornemos ao texto *Gupeva*, e a imagem da mulher indígena ali representada. Diferentemente de outros textos indianistas do período que, provavelmente, Maria Firmina dos Reis conhecia. Principalmente, o texto do Frei José de Santa Rita Durão (DURÃO, 2003), Caramuru de 1781, afinal, ao escrever *Gupeva*, que é um dos personagens do texto de José de Santa Rita, Firmina também fala sobre Paraguaçu e Caramuru. A ação do que a autora intitula “romance brasiliense” se desenrola também na Bahia e trata ainda do encontro e desencontro de dois povos de culturas diferentes: A Europeia e a Indígena. Firmina certamente também conhecia o texto de seu conterrâneo Gonçalves Dias, I-Juca Pirama, Últimos Cantos,(DIAS, 2002) publicado em 1851. Por isso, a abordagem indianista foi provavelmente movida pela leitura desses textos, que ao serem lidos e repensados pela autora, influenciaram a escrita de seu *Gupeva*.

A narrativa trata de um índio, cujo nome é Gupeva, pai de Épica, que se apaixona pelo marinheiro francês Gastão, passa- se na Bahia, no mesmo espaço, onde se delimitou a história “verdadeira” de Caramuru. Gupeva fala da triste história de uma índia que teria viajado com Paraguaçu e Caramuru para a França, a índia se chamava Épica e quando a mesma voltou para a América e casou-se com Gupeva, acabou lhe revelando que não era mais pura, que havia sido seduzida por um certo conde de.... Mesmo envergonhado Gupeva cria a criança que Épica trazia no ventre, filha do francês e coloca na menina o mesmo nome da mãe, Épica. No desenrolar da trama, Gastão descobre que a sua amada indígena é filha de seu pai, o conde de... e portanto seu amor era pecado. Gupeva, ao descobrir, isso mata Gastão e Épica, a filha também acaba morrendo, assim como Gupeva

No meio dessa narrativa evidentemente trágica, Maria Firmina constrói uma imagem interessante de mulher indígena e de pátria/ mátria que é, afinal, a nação brasileira que se forma na pena desses poetas românticos também. Trata-se de um “romance brasiliense” que tem, ao nosso entender, a tentativa de construir uma narrativa épica para a formação de nossa pátria/mátria nação. É por isso que a construção do cenário é toda exuberância, todo natureza (SUSSEKIND, 1990). Tudo aquilo que constituía o nosso diferencial em relação à Europa. Diz no início do “romance brasiliense”

Uma tarde de agosto nas nossas terras do norte tem um encanto particular; quem ainda as não gozou, não conhece na vida o que há de mais belo, mais poético, não conhece a hora do dia que o Criador nos deu para esquecermos todas as ambições da vida, para folhearmos o livro do nosso passado, buscarmos nela a melhor página, a única dourada que nela existe, e aí nos deleitarmos na recordação saudável da hora feliz da nossa existência: aquele que ainda a não gozou é como se seus olhos vivessem cerrados à luz; é como se seu coração emperdenido nunca houvera sentido uma doce emoção, é como se a voz da sua alma nunca uma voz amiga houvera respondido.

O que a gozou, sim; o que a goza, esse advinha os prazeres do paraíso, sonha as poesias do céu, escuta a voz dos anjos na morada celeste; esquece as dores da existência, e embala-se na esperança duma eternidade risonha, ama o seu Deus, e lhe dispensa afetos; porque nessa hora como que a face do Senhor se nos patenteia nos desmaiados raios do sol, no manso gemer da brisa, o saudoso murmúrio das matas, na vasta superfície das águas, na ondulação mimosa dos palmares, no perfume odorífero das flores no canto suavíssimo das aves, na voz reconhecida da nossa alma! (REIS, 1975)

Estas são as nossas terras do norte que, no caso específico do texto, Gupeva são as terras da Bahia, lugar do “descobrimento” de nosso país, onde tudo começou. Firmina cria a sua maneira um lugar de origem, onde a nação brasileira iniciou suas raízes. O conto tomando como inspiração o texto de José de Santa Rita Durão, Caramuru, pois envolve, em sua narrativa, a narrativa de Caramuru, traça outro perfil de identidade para o nosso país. Identidade que será falida, pois, ao colocar o personagem francês Gastão como enamorado da indígena Épica, Maria Firmina coloca em destaque a diferença entre os povos franceses e portugueses:

Que me importa a mim tudo isso, Alberto, acaso isso pode indenizar-me da dor de perdê-la? Alberto, tu não és francês, o teu clima cria almas intrépidas, corações fortes, os rudes ardendo sempre mais em fogo belicoso: o sangue que herdaste de teus avós gira em teu peito com ambição de glória, de renome; são nobres as tuas ambições, eu as respeito; porém as minhas são destruídas de toda a vaidade...As minhas ambições, o meu querer, meu desejo resume-se todo nela. Para que me falas das grandezas deste mundo? Alberto, eu as desprezo, se não forem para repartir com ela.

Todos nós, lhe disse Alberto, temos a nossa hora de loucura; também o português, meu caro, a experimenta, às vezes, não obstante como dizes, o nosso clima gera corações mais rudes; mas, Gastão, teus pais! Queres afrontar a maldição paterna? (REIS, 1975)

Nesse trecho, percebemos claramente como Maria Firmina constrói uma dicotomia entre esses dois povos que estiveram no Maranhão, e como a rudeza, a glória, o espírito de conquista, a belicosidade portuguesa se sobrepuçaram na construção de uma nação brasileira, de um romance brasiliense, no qual o francês, Gastão, é fraco e movido por paixões. Ao

contrário de seu amigo português Alberto, Gastão quer larga tudo em nome de um amor por uma indígena tupinambá, que, aos olhos e conselhos de Alberto, só poderia arrastar o amigo a desonra e a baixeza.

Gastão, disse procurando tomar-lhe entre as suas mãos que loucura meu amigo- que loucura a tua apaixonaste por uma indígena do Brasil; por uma mulher selvagem, por uma mulher sem nascimento, sem prestígio: ora, Gastão seja mais prudente; esquece-a.

E por quê?! Porque ela não pode ser tua mulher, visto que é muito inferior a ti, porque tu não poderás viver junto dela a menos que intentasses cortar a tua carreira na marinha, a menos que desprezando a sociedade te quisesses concentrar com ela nestas matas. Gastão, em nome da nossa amizade, esquece-a (REIS, 1975)

Nesta construção, portanto, a mulher indígena é vista pelo português como totalmente inferior à mulher europeia: selvagem, sem nascimento, sem prestígio. Essa união não era possível aos seus olhos pela inferioridade da indígena. É importante ressaltar aqui que a construção dessa mulher indígena que acaba morrendo, por querer se unir com o próprio irmão, fato que ambos desconhecem, afinal, o nascimento da indígena Épica é fruto da vilania de um conde francês, e não de um elemento português. É a baixeza dos franceses que corromperam a possibilidade daquela união e não a inferioridade indígena. Quem de fato se mostra inferior é o pai de Gastão, o Conde de..., que, ao desonrar a mãe de Épica, desonra também a vida do filho. Essa união de franceses e indígenas era, portanto, infrutífera e ilegítima. Ao contrário de outras imagens que Maria Firmina dos Reis criou para o elemento indígena presentes em sua coletânea de poemas “Cantos a Beira Mar” em 1871(REIS, 1871), onde o índio aparece como indivíduo forte, bravo e guerreiro. Épica é aqui descrita como infeliz vítima de uma união sem honra. Gupeva, o índio pai, é honrado porque perdoa a mulher indígena que caiu em tentação e cria Épica como se fosse sua filha. Acreditamos que a intenção de Maria Firmina dos Reis, ao elaborar esse “romance brasiliense”, era a de criar um laço “épico” de legitimidade identitária do indígena e do português e afastar a imagem do outro, o estrangeiro, o francês. Aquele que ocupava a terra americana, o Maranhão principalmente apenas para maculá-la com sua paixão abrasadora, sua falta de honra, sua luxúria. Como a autora aponta, no texto, as diferenças entre os dois povos são gritantes e são diferenças de caráter, de formação³.

³ Sobre a crítica de uma construção mitológica e hoje midiática de uma São Luís francesa cf. (LACROIX, 2008). Onde a autora discute como o discurso de uma fundação francesa da cidade de São Luís esteve mais pautado numa construção das elites locais, quando do período de sua decadência econômica, e como foram estas buscar em um passado “glorioso” a identidade da cidade, que se singularizaria a partir de uma fundação

Assim como José de Alencar, em 1865, ao publicar *Iracema*, a lenda do Ceará, constrói uma identidade mista entre portugueses e indígenas, nascendo dessa união, Moacir, o primeiro cearense. E morrendo a índia dos “lábios de mel”, para que a mãe pátria pudesse surgir, fruto da junção entre portugueses e indígenas. (RIBEIRO, 1998) Maria Firmina dos Reis, quando publica *Gupeva*, em 1861, constrói, em nosso entendimento, não um mito de uma possível fundação, mas a impossibilidade de uma fundação, que era a junção de indígenas com franceses, visto que este povo como apresentado pela autora, no conto/romance, era movido por paixões abrasadoras, sem honra e sem dignidade. A paixão que era a inversão do amor romântico, casto respeitador e assexuado. A herança francesa, Épica, é filha ilegítima, provocadora de um amor incestuoso e pecaminoso. Morre Gastão, morre Épica e morre *Gupeva*, para que a pátria/ mátria Brasil possa existir, a partir da força do amigo Alberto, o português justo e digno, quão justo e digno havia sido *Gupeva* em vida ao não denunciar Épica mãe e criar a filha bastarda.

Por fim, Maria Firmina dos Reis criou um ideário de nacionalidade que visava construir uma origem para a nação brasileira. Ao demonstrar que o francês não servia como pai, como berço de uma nação, casa-se com o elemento português para dignificar a formação brasileira. Ao construir também um índio digno como foi *Gupeva* pai, tenta demonstrar que só com a união legítima entre esses dois povos: indígenas e portugueses, pudesse nascer o verdadeiro brasileiro. Afastando a imagem do francês, questão cara a província na qual vivia, afinal o Maranhão havia sofrido uma invasão francesa nos tempos coloniais, era preciso desconstruir essa imagem de uma herança francesa.

Interessante pensar que nos dias atuais vincula-se nos meios midiáticos a formação francesa de São Luís e sua herança, como um diferencial da capital do Maranhão, das demais capitais brasileiras. (LACROIX, 2008). O que no tempo de Maria Firmina dos Reis, na segunda metade do século XIX, era totalmente incongruente e deveria ser desconstruído, visto que a invasão lida com tal deveria ser esquecida, pois foi afinal o brio dos portugueses e a natureza dos indígenas que ajudaram a fundar a nação brasileira, pelo menos do ponto de vista dos nossos escritores românticos, nos quais Maria Firmina dos Reis também estava inserida. Assim como José de Alencar em seu *Iracema*, Maria Firmina também construiu seu conto “épico” para a formação da pátria. E neste conto os franceses, não são bem vindos....

diferenciada, francesa e não portuguesa. A autora ao pesquisar os documentos da época, defende a tese, de que essa “singularidade” seria uma invenção de uma “tradição”, assim como o mito da Athenas Brasileira.

Referências

- ALENCAR, José de. **Iracema, Cinco Minutos.** São Paulo: Martin Claret, 200
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880).** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.
- DIAS, Gonçalves. **I- Juca Pirama. Os Timbiras. Outros poemas.** São Paulo: Martin Claret, 2002.
- DURÃO, José de santa Rita. **Caramuru- poema épico do descobrimento da Bahia.** São Paulo: Martin Claret, 2003.
- LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos.** São Luís: Editora da UEMA, 2008.
- MORAIS FILHO, José Nascimento de. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida.** São Luís: COCSN, 1975.
- REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula. A Escrava.** Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- Gupeva.** In: MORAIS FILHO, José Nascimento de. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida.** São Luís: COCSN, 1975.
- Cantos a Beira Mar.** São Luís: Tipografia do Paíz, Imp. Por M. F. V. Pires, largo do Palácio, 1871.
- RIBEIRO, Renato Janine. “Iracema ou a Fundação do Brasil.” In: FREITAS, Marcos Cezar. (org.) **Historiografia Brasileira em perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998. pp. 405-410.
- SUSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.